



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9466 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT15 - Educação Especial

Fazer cinema na educação bilíngue de surdos e surdas

Otávio Santos Costa - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FEUSP

Cristina Broglia Feitosa de Lacerda - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Fazer cinema na educação bilíngue de surdos e surdas

Situada no campo da educação bilíngue para pessoas surdas, esta pesquisa se pauta em problematizações sobre a relação entre cinema e educação. Buscamos compreender a ‘educação do olhar’ no campo da educação bilíngue de pessoas surdas. O estudo se caracteriza como pesquisa qualitativa em educação especial, realizado num processo educacional em que estudantes surdos e surdas foram ensinados a produzir e realizar a gravação de um filme de curta metragem de sua autoria. O processo de gravação de vídeo foi descrito e analisado à luz de referencial teórico e metodológico materialista histórico sobre aprendizagem e desenvolvimento, linguagem e pensamento, práticas discursivas e montagem no cinema. Os resultados indicam que a atividade realizada promoveu práticas discursivas e dialógicas que podem favorecer o desenvolvimento da Libras, da escrita da língua portuguesa, da formação de conceitos e da leitura de imagens a partir da educação do olhar. A atividade pode ainda beneficiar outros públicos, promovendo pontos de partida e compartilhamento de dados para realização de investigações mais aprofundadas na área.

Palavras-chave: Educação Especial. Imagens e educação bilíngue de pessoas surdas. Cinema e educação.

Introdução

Considera-se o Decreto nº 5.626 (BRASIL, 2005) marco legal no processo histórico da educação de pessoas surdas no país. O Decreto defende a educação bilíngue, definindo-a, bem como os espaços onde deve ser implementada e desenvolvida.

Ao tratar sobre a inclusão de pessoas surdas nas escolas da rede regular de ensino, cabe considerar que esta proposta de educação precisa ser efetivada de forma a respeitar a

condição linguística desses sujeitos, garantindo que tenham acesso aos conhecimentos e conteúdos historicamente construídos por ela trabalhados, cabendo ao professor criar condições e maneiras do aluno acessar o conhecimento (LACERDA; LODI, 2009).

Em estudo sobre estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos, Lacerda *et al.* (2013) consideram relevante pensar em uma pedagogia que atenda a necessidade de alunos surdos, que apreendem de forma visual a maior parte de informações para construção de seu conhecimento e tratam a organização de conceitos em língua de sinais comparando-a com um filme:

Para os surdos, os conceitos são organizados em língua de sinais, que por ser uma língua visuogestual pode ser comparada a um filme, já que o enunciador enuncia por meio de imagens, compondo cenas que exploram a simultaneidade e a consecutividade de eventos (LACERDA *et al.*, 2013, p. 186).

Para favorecer a aprendizagem de alunos surdos não basta apresentar os conteúdos em língua de sinais (LS), mas explicar esses conteúdos em sala de aula lançando mão de toda potencialidade visual da Libras, nessa direção, as possibilidades de leitura de imagens poderiam ser mais bem exploradas na escola, na busca da construção de sentidos (LACERDA *et al.*, 2013).

O uso de imagens associada à LS na educação escolar de pessoas surdas deve se basear na compreensão dos conceitos de visualidade atribuída a esses sujeitos, que é caracterizada pelo uso da LS que tem papel determinante na forma como a criança vai aprender a pensar, uma vez que as formas mais desenvolvidas do pensamento, as funções psicológicas superiores, são acessadas por meio da língua e da linguagem (VIGOTSKY, 2015) e que por sua materialidade ser visual, os surdos enunciam seus textos no plano espacial da mesma forma que organizam seu pensamento a partir desta língua (PELUSO e LODI, 2015).

Cabe à escola promover a educação do olhar, mas com uma atenção linguística própria no trabalho com o surdo. Crianças surdas em contato inicial com a LS necessitam de referências da linguagem visual com as quais tenham possibilidade de interagir, para conseguir agir sobre os significados (REILY, 2001). Consonante a isso, segundo Campelo (2007), a visualidade contribui de maneira fundamental para a construção de sentidos e significados na vida de pessoas surdas.

Compreendemos ‘educação do olhar’ como um processo educacional referenciado em elementos de produção cinematográfica que possibilite aos estudantes as condições de analisar, interpretar e produzir imagens, de modo crítico, através de situações dialógicas e que dessa forma possam se tornar leitores de imagens. Esse processo, conforme concebemos, visa uma formação que transcenda a técnica e permita a problematização da prática de produção fílmica (LEBLANC, 2012) e que os estudantes assumam as posições de produção dos discursos dos filmes (LEANDRO, 2001).

No presente estudo partimos do pressuposto de que a linguagem cinematográfica poderia contribuir com a educação bilíngue para surdas e surdos, compreendendo o objeto de estudo como aproximações entre o cinema e o uso de imagens na educação desse público.

O cinema, em diversas acepções do termo, constitui-se como objeto de inúmeras pesquisas em educação, que, por sua vez, apresentam contribuições para a elucidação do tema. Já através dos estudos sobre linguagem cinematográfica, identificamos que nosso interesse estava nas práticas de produção de filmes, uma das atribuições do termo cinema.

Identificamos no processo de levantamento teórico, que nosso objeto poderia ser inserido no campo do uso de imagens na educação de surdos, tema problematizado em estudos que habitualmente são relacionados às questões sobre visualidade (COSTA, 2020).

Passamos então a relacionar os processos de gravação de filmes, conforme o entendimento socialmente compartilhado sobre como ‘fazer cinema’, com os problemas do uso de imagens na educação bilíngue de surdos e surdas. A partir de estudos sobre educação de surdos e visualidade, imagens na educação de surdos, cinema e educação de surdos, linguagem cinematográfica, pedagogia da imagem e revisão de literatura científica, pudemos situar de maneira precisa e clara a seguinte questão de pesquisa: “*Como pode se dar e que contribuições pode oferecer a educação do olhar no campo da educação bilíngue de surdos e surdas?*”.

Buscamos responder a esta questão realizando o estudo com o **objetivo** de investigar, analisar e discutir de que forma o cinema pode contribuir com a educação bilíngue para surdos e surdas.

Método

Nos baseamos em fundamentos metodológicos da abordagem histórico-cultural e, consequentemente do materialismo histórico e dialético. Nessa abordagem, o objeto de pesquisa tem sua objetividade, dinâmica própria e existe independentemente da consciência do pesquisador, cabendo a este, partir de uma experiência imediata, empírica e superficial da aparência das coisas e procurar a essência do objeto. Posteriormente, mediante a pesquisa viabilizada pelo método, reproduzir no campo das ideias, o movimento real do objeto (NETTO, 2011, p. 22).

Assim, para realizarmos a investigação que pode nos possibilitar a elevação do abstrato ao concreto, nos apoiamos em pesquisa qualitativa em educação especial, na qual foi realizado um processo educacional em que estudantes surdos e surdas foram ensinados a produzir e realizar a gravação de um filme de curta metragem de sua autoria. Por se tratar da produção de um filme, todos os envolvidos e seus responsáveis concordaram com a exposição de suas imagens no contexto acadêmico, bem como assinaram termos de consentimento ou assentimento, conforme aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa.

O estudo foi realizado em escola pública municipal de Ensino Fundamental, localizada em cidade de médio porte no interior do Estado de São Paulo e organizada no modelo de educação bilíngue para pessoas surdas. Participaram estudantes surdos e surdas do ensino fundamental II desta escola.

Os instrumentos e procedimentos de coleta de dados foram referenciados a partir de observação participante (GIL, 2008), registro em diário de campo, fotografias e vídeo gravações (GARCEZ et al, 2011) e utilizados de forma associada e complementar de acordo com a situação de coleta.

Os dados foram organizados para análise a partir das etapas do processo de produção cinematográfica descritas por Blain Brown (2002): **preparação**, etapa aonde há a escolha da ideia e desenvolvimento do argumento, roteiro e pesquisas iniciais; **pré-produção**, etapa em que se desenvolvem a leitura coletiva do roteiro, escolha da equipe técnica, processo de *casting* (escolha do elenco), escolha da locação, decupagem, *storyboard*, apresentações dos conceitos de arte e de fotografia, autorizações necessárias, ensaios e testes; **produção**, com as atividades relacionadas ao dia da filmagem, operações no *set* de filmagens, manuseio de

equipamentos, traslados, alimentação e etc.; por fim, **pós-produção** com as ações de desprodução e finalização do filme como fechamento do processo de gravação.

Não foram impostos, inicialmente limites ou critérios rígidos para elaboração do filme, que recebeu o título de ‘A mulher que matou o homem’, duração de um minuto e quarenta e nove segundos, conforme quadro 1. É possível assistir ao filme através do código de barras bidimensional *Qr Code* [\[1\]](#).

Quadro 01 – Filme

FILME – FICHA TÉCNICA	
<p>Título: A mulher que matou o homem</p> <p>Duração: 01’49”</p> <p>Produção executiva: Pesquisadores</p> <p>Produção: Turma</p> <p>Direção: Rosa e Maryna</p> <p>Argumento: Rosa e Yaroslav</p> <p>Direção de arte: Yaroslav</p> <p>Figurino: Rosa e Maryna</p> <p>Fotografia: Alexander</p> <p>Dublê, making of e boy de set: Ivan</p> <p>Elenco: Yana e Fesenko</p> <p>Montagem: Turma e pesquisadores</p> <p>Edição: Pesquisadores</p> <p>Intérpretes de Libras: equipe da escola.</p>	<p>Sinopse: O filme de curta metragem das diretoras Rosa e Maryna revela o mistério da manhã fria em que Ronda, lutadora de 18 anos, treinava com sua espada na floresta em que Carlos, de 20 anos foi encontrado morto.</p> <p><input type="checkbox"/> Cartaz</p>  <p><input type="checkbox"/> Filme</p> 

O filme é o ponto de chegada do processo de gravação, representando o produto da experiência vivida pela turma e pesquisadores. A proposta é a turma fazer seu próprio filme e, ao mesmo tempo, dialogar com outros filmes, decidindo sobre tomadas e ângulos de filmagens, cortes de cenas e pontos de vista, sempre em função da produção de sentidos, se tornando leitores de filmes e de imagens.

O processo também promoveu engajamento dos participantes, múltiplos meios para apresentação de conteúdo, como nas etapas da produção de arte (por ex: produção de sangue artificial, que contribuiu para formação de conceitos sobre o sangue, sua cor e causas de sangramento), além do próprio filme, e possibilidades e alternativas de avaliação acadêmica, atendendo aos princípios do Desenho Universal para o Aprendizado. Os resultados obtidos

apontam para uma alternativa que pode orientar metodologicamente iniciativas de atividades com a produção de filmes de curta metragem na escola e a educação do olhar para leitura crítica de imagens, podendo beneficiar diferentes públicos da educação básica.

Os resultados permitem ainda respondermos a nossa questão de pesquisa: *Como pode se dar e que contribuições pode oferecer a educação do olhar no campo da educação bilíngue de surdos e surdas?*

A educação do olhar pode se dar a partir da realização de atividades que concebam a imagem como fim da educação e não como meio, como a produção de filmes de curta metragem por professores e alunos e como contribuições tornar professores e alunos leitores de imagens, ampliando seu repertório e matéria prima dialógica para o acesso e uso de suas funções psicológicas superiores.

Foi nossa intenção explorar o uso da linguagem do cinema, enquanto linguagem visual, como possível meio para práticas de letramento visual em ambiente escolar e pudemos observar que o uso da linguagem cinematográfica pode promover a educação do olhar na medida em que suscita emoções e produção de sentidos pelos autores e pelo público. Isso ocorre porque como prática dialógica, através do filme autores e espectadores se relacionam, nesse caso, alunos e alunas surdas autores, mobilizando seu repertório de imagens de forma dialógica, o filme um produto imagético e os espectadores também alunos e alunas surdas, num processo caracterizado pela dialogia da imagem.

O uso do cinema na educação é tarefa complexa e exige muitas pesquisas para alcançar sua totalidade. Em relação ao uso de imagens na educação, muitas frentes do algoritmo ‘fazer cinema na escola’ podem e devem ser exploradas, como o processo de decupagem com registro em *storyboard*, a direção de fotografia e o direcionamento do olhar com iluminação, cores, texturas e etc.; a edição de imagens como finalização da produção do filme na perspectiva dos autores e as análises fílmicas da produção da turma, entre outras possibilidades.

O que destacamos é que com o cinema enquanto prática discursiva na escola, os alunos são convidados a fazer filmes para se tornarem espectadores cada vez mais críticos de filmes ou ainda, criar imagens, num processo dialógico, para que se tornem leitores de imagem. Na sociedade atual, mais do que nunca, saber ler e saber produzir imagens é fundamental.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto Nº 5.626** de 22 de dezembro de 2005.

BROWN, B. **Cinematography Theory and Practice: Image Making for Cinematographers and Directors**. Routledge. 2002, P. 174

CAMPELLO, A. R. Pedagogia Visual / Sinal na Educação dos Surdos. In: QUADROS, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis (orgs.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ : Arara Azul, 2007, P. 100-131.

COSTA, O.S. **Uma ideia na mão e uma câmera na cabeça: cinema na educação bilíngue de surdos e surdas**. 2020. 166 f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, 2020.

GARCEZ, A.; DUARTE, R.; EISENBERG, Z. **Produção e análise de vídeo gravações em pesquisas qualitativas**. Educação e Pesquisa, v. 37, n. 2, p. 249-261, 1 ago. 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

LACERDA, C. B. F. LODI, A. C. B. **Uma escola duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. 2 ed. Porto Alegre, Ed. Mediação, 2009.

LACERDA, C B. F.; SANTOS, L. **Tenho um aluno surdo, e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: Ed: Edufscar, 2013.

LEANDRO, A. Da imagem pedagógica à pedagogia da imagem. Comunicação & Educação. 2001.

LEBLANC, P. B. Imagem e educação. In: MULTIRIO. A escola entre mídias: linguagens e usos / Multirio. – Rio de Janeiro: Multirio, 2012.

NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PELUSO, L.; LODI, A.C. B.. **La experiencia visual de los sordos: consideraciones políticas, lingüísticas y epistemológicas**. Pro-Posições, v. 26, n. 3, 2015.

REILY, L. **As imagens: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos**. UFRN - NATAL/RN 2001.

[1] Para ter acesso ao conteúdo codificado em um *QR Code*, é preciso dispor de uma câmera em um *smartphone* e um aplicativo feito para ler o código bidimensional.